



NÁDIMA E JOSÉ CATRINCK produzem uma média de 15 pares de alianças por semana para casais: “É muito bonito fazer parte desse momento tão importante na vida deles. Fazemos com muito carinho”, afirmou ela

A TRIBUNA COM VOCÊ EM JOCKEY DE ITAPARICA

Arte de fazer aliança com moedas antigas

Nádima Dias Egídio e José Catrinck mantêm tradição de fazer pares de alianças com moedas de níquel para casais apaixonados

Rayza Fontes

Para casais apaixonados, as alianças são um símbolo de amor e compromisso. Sabendo disso, o casal Nádima Dias Egídio, 44, e José Catrinck, 68, de Jockey de Itaparica, em Vila Velha, investiu em um negócio que torna os anéis mais interessantes: são fabricados exclusivamente de forma manual e a partir de uma única moeda de níquel.

“Aprendi a técnica com o meu sogro, José Leite, que faz há mais de 50 anos. Ele que, geralmente,

consegue as moedas antigas no interior do Estado, já que é de Ibatiba”, contou Catrinck.

Para que as alianças mantenham o brilho, o ideal é que as moedas sejam antigas, por causa da composição – no caso do Brasil, as que foram produzidas até 1950 continuam grande quantidade do metal níquel. Entretanto, caso seja desejo do casal, o artesão usa outras moedas como matéria-prima.

“Uma vez fiz com uma moeda de Portugal. E cada casal tem uma história, são públicos diferentes. Médicos, advogados, jovens. É muito gostoso quando termino e entrego aquilo que o casal queria”, contou ele, que faz em média 15 alianças por semana.

Filha do detentor da técnica, Nádima é a vendedora da arte do pai e do marido. Apaixonada pelo trabalho, ela contou que fornece as peças para todo o País, o que a dei-

xa feliz, por participar da vida de tantas pessoas.

“Parece que eu fico mais satisfeita e feliz que os noivos. É muito bonito fazer parte desse momento tão importante na vida deles. Fazemos com muito carinho”, disse ela, que ficou conhecida no bairro como a moça das alianças.

O par tradicional, de oito milímetros de largura, custa em média R\$ 135 e José Catrinck adianta que quem quer ser dono das alianças deve se apressar. “As moedas antigas, uma hora, vão acabar, e as novas não servem para isso, por causa da composição, muito misturada.”

Morando há 12 anos em Jockey de Itaparica, o casal contou que passou por dificuldades no início, especialmente devido aos problemas de infraestrutura do local, mas hoje eles não cogitam sair do lugar. “É um bairro maravilhoso para morar, muito tranquilo”, afirmou Nádima.

HISTÓRIA DO BAIRRO

Loteamento particular

- > O NOME foi decidido há 19 anos, em uma assembleia de quatro moradores, com o intuito de oficializar Jockey de Itaparica como bairro para que fosse possível receber infraestrutura do município.
- > O BAIRRO COMEÇOU no final da década de 1990, com a venda de terrenos de um loteamento particular. A área era repleta de vegetação de taboa.
- > EM 2012, o bairro ganhou calçamento em todas as ruas. Antes, apenas a avenida principal e arredores eram calçados.
- > A PRIMEIRA LINHA de ônibus a circular pelas ruas do bairro chegou em 2001.

Fonte: Moradores de Jockey de Itaparica.

COMO FAZER CONTATO

Sugira uma reportagem

Os moradores de Jockey de Itaparica, em Vila Velha, podem reivindicar melhorias e sugerir reportagens sobre o bairro enviando um e-mail para atcomvoce@redetribuna.com.br. Quem é de outro bairro pode sugerir uma visita de **A Tribuna com Você** ao local no mesmo e-mail.

AS RECORDAÇÕES



MARIA Helena: “Poucas casas”

Faltava infraestrutura

Moradora do bairro Jockey de Itaparica há 6 anos, Maria Helena Marinato, 53, vivenciou um período em que as condições de infraestrutura dificultavam a vida e também o andamento do seu negócio, um salão de beleza.

“Quando eu mudei, além de não ter rede de esgoto, eram muitos lotes vazios e poucas casas. A solução que eu encontrei foi pedir ao vizinho para usar o encanamento dele e pagar a uma empresa privada para fazer o serviço”, contou ela.



ÁUREO está há 15 anos no bairro

Aposta no crescimento

Em 15 anos, a vegetação de taboa e a área alagada em que se encontrava Jockey de Itaparica foram substituídas por pontos comerciais e ruas pavimentadas. Nesse tempo em que o cabeleireiro Áureo Alves, 48, mora no bairro, o que mais chamou a atenção dele, em termos de mudanças, foi o fim das pererecas e do barro nas ruas, o que atrapalhava os clientes do salão.

“Eu apostei no crescimento da região. demorou, mas chegou o progresso. Antes eu brincava que a cliente vinha cortar o cabelo e no final eu tinha que pagar a lavagem do carro. Sem contar as pererecas nas paredes.”